

UM SENHOR

Faltam vinte para as oito, e um senhor de preto, o ar muito sério, desce de um automóvel e se encaminha para o portão do Jardim Botânico. Está fechado; mas lá dentro, plácidamente, um guarda lê seu jornal, no banco. O senhor de preto quer entrar; o guarda explica que só abre às oito; em todo caso quem resolve é um guarda mais importante, na portaria. Pela janela o senhor de preto consegue chamar o outro guarda, que dá a mesma informação. O senhor insiste; não tem muito tempo, seria bom se ele pudesse entrar logo. Vejo que ele conversa baixinho com o porteiro, mas sem nenhum resultado. Regulamento é regulamento: aquela hora as árvores ainda não funcionando, estão em repouso.

O sol já está bastante quente, e na rua não há sombra. Para não sofrer as mesmas decepções do senhor de preto, resolvo matar os 20 minutos de espera andando pela calçada, ao longo do jardim: vejo que ele faz o mesmo em sentido contrário. Quando as 8 horas se aproximam, volto para junto do portão. O senhor de preto também. Olho o relógio; ele também olha o relógio. Depois nós ambos olhamos o relógio do interior da portaria; indubitavelmente são 8 horas. Ficamos junto ao portão. Aparece um pintor com seu cavalete, sua caixa de tintas e uma tela. Ficamos os três junto ao portão.

— Cavalheiro!

Foi o senhor de preto que falou com uma voz inesperadamente forte. O guarda nos olha.

— São oito horas!

O guarda murmura alguma coisa, mas o senhor de preto brada:

— São oito horas no meu relógio e no seu relógio. Abra o portão!

— Já vou abrir.

— Estou reclamando meu direito! Já passam de 8 horas, o portão já devia estar aberto!

O guarda faz sinal a um outro, que abre lentamente o portão. Entramos. O senhor de preto caminha em linha reta pela aléia em frente. O pintor vai para o laguiinho do seringueiro com suas vitórias régias. Perco-me em pequenos caminhos, a olhar árvores, ando para um lado e outro e no fim de quinze minutos vejo o senhor de preto: está sentado em um banco, na sombra, em uma pracinha, com o ar muito grave, triste, imóvel.

Oito horas da manhã.

Jardim Botânico
Km

Manchete 251 - 9.2.52

M 302

Globo e
Go - 26.5.61

alguns
pintores

Escolho outros caminhos: sabiás-laranjeiras saltam em minha frente. Cotias, caxinguelês, pardais... Ouço um arrulho de juriti. Me distraio sonhando com uma casa em algum lugar onde eu pudesse plantar grandes árvores para os meus futuros netos: munguba, mamorana, pau-rei, sumáuma... Lado a lado, na frente da casa, dois paus caboclos, com seus troncos lisos, altos, esguios. Aos lados, renques de palmeirinhas brasileiras elegantes: assai (que no Ceará chamam de juçara), paxiúba... Ando à sombra dos bambus, aprendo que a carambola, tão ligada à minha infância, é uma árvore da China; já sabia que a manga e a jaca também vieram do Oriente. Visito a palmeira de D. João VI, as flores surpreendentes do abricó-de-macaco. Deixome ir à-toa para um lado e outro, sem ler esses nomes latinos.

Uma pequena coisa amarela cai ao chão na minha frente. Olho para o chão, apanho a frutinha, olho para cima, vejo a alta árvore: é cajá mirim. Encho as mãos de cajá, sigo por uma alameda chupando frutas, alegre como um menino.

De repente, vejo, de longe, o senhor de preto. Está se erguendo do banco. Acompanho-o com a vista. Olha um instante em torno, e depois caminha em direção à saída. Vou lentamente atrás dele. Caminha em frente, como na chegada; não se detém para olhar uma flor, uma árvore. Quando chego ao portão ele já está entrando em seu carro. Olha-me um instante, certamente me reconhece dos minutos de espera, e me viu no jardim. Passo ao lado de seu carro, tenho a impressão de que ele vai me oferecer condução.

Não; apenas me olha com sua cara grave, triste. Depois põe o carro em marcha e vai rodando lentamente em direção à cidade; lentamente, como se tivesse pena de ir.

31/3/53

R. B.

contente

Tem a

sa

Globo - 26/5/61

264